



Estranha no próprio país

O destino de uma família entre Angola e Portugal, por altura da Revolução dos Cravos, escrita como que com uma lupa

Bernardette Conrad
Berliner Zeitung, 14 março 2021



“Cuidado com os medicamentos! Cuidado com os disparos!” Dois gritos de angústia ecoam nos ouvidos de Rui durante aquela última vez que o jovem adolescente passou com os seus pais e irmã na terra natal, Angola. “Mas depois ficámos em silêncio. A doença da mãe e esta guerra, que nos leva de volta à pátria, são assuntos semelhantes pelo silêncio que provocam.”

Estamos em 1975, a Revolução dos Cravos trouxe à vista o fim do domínio colonial, os brancos fogem de Angola de volta à “terra mãe”, Portugal. Literalmente “terra mãe”, porque a mãe de Rui e a irmã são de lá. “A mãe tem dois países, o pai não.”. Tal como o pai, Rui e a sua irmã têm apenas um país, que é Angola. Para já.

São frases concisas nas quais a autora portuguesa Dulce Maria Cardoso – que aos 11 anos fugiu de Angola com os pais – traça as coordenadas de uma vida familiar determinada não apenas por tensões políticas. Só por um momento conseguiu o cheiro a arroz doce transformar este dia da sua partida num “domingo do antigamente”. Dirigem-se, em seguida, para o aeroporto, para uma multidão de outros brancos em fuga do país. O romance de Dulce Maria Cardoso, “O Retorno”, só agora traduzido, foi já em 2011 considerado o livro do ano em Portugal.

Medo, tensão e silêncio estão também à mesa, quando o pai destrói com a ponta da faca as flores que a mãe bordou em toalha de mesa. Neste livro, a violência que se aproxima de forma insidiosa não vem só do exterior – ela está já quase patente na vida familiar, de tal modo que o bater à porta, o carro cheio de soldados armados exibindo o seu novo poder, se associam sem problemas ao jantar de família.

E depois do turbilhão de acontecimentos, encontram-se de repente a três num quarto de hotel em Portugal, a mãe de Rui e os seus dois filhos, sem conseguirem dormir. “Não quero fechar os olhos”, pensa Rui. Porque isso poderia significar esquecer-se, por um momento, que o pai tinha sido levado pelos soldados angolanos, “com a própria arma apontada à sua cabeça”. A questão angustiante do seu paradeiro instala-se no silêncio da família

encolhida, resumida a três “retornados” isolados, pessoas de segunda a quem se doam roupas usadas e se serve fruta apodrecida para a sobremesa. Dois adolescentes com uma mãe que lamenta em voz alta, cujos gritos, impossíveis de acalmar, só se ouvem no eco do ambiente que a apazigua. Uma das virtudes deste denso romance é o facto de evidenciar, como que com uma lupa, aqueles dolorosos momentos-chave e horas traumáticas que, não só se estendem em Rui como uma eternidade, como, assim se suspeita, nunca passarão. Com um narrador na primeira pessoa, o livro opõe à falta de palavras e ao desespero que paira entre o ali e o aqui, um fluxo interminável de palavras. Dulce Maria Cardoso relata sobre este crescimento em circunstâncias extremas, na perspectiva de um rapaz que, apesar de habituado à presença de raparigas bonitas, face aos acontecimentos traumáticos, se torna novamente numa criança absorvida pelo pânico e desespero. O monólogo narrativo de Rui expressa o que significa vir para um país estrangeiro como refugiado em tão tenra idade e ter de dar sentido às coisas.

Dar sentido à doença misteriosa da mãe – agora que não há ninguém para “exorcizar os demónios” nas cerimónias. Dar sentido à ausência de notícias de Angola, a que Rui procura, um dia, pôr termo com a decisão de que “O pai está morto”. E, assim, “esta sala e esta varanda com vista para o mar serão a nossa casa até emigrarmos para a América”.

E, depois, tudo se revela de forma diferente. Mas para onde, se não for para a América, irão realmente os acontecimentos traumáticos levar Rui? Prevalecerá a força ou o desespero – que contrabalançam no seu discurso repleto de raiva, poesia e perspicácia, e politicamente completamente incorreto? Talvez crescer signifique, acima de tudo, em algum momento ser capaz de, pelo menos, enfrentar a verdade da insegurança existencial. Não se desviar dela. Quando, uma vez, Rui viu um avião a desenhar os seus rastros de condensação no céu – como um pedaço de giz nas mãos invisíveis de Deus – quis escrever, em resposta, no terraço: “Eu estive aqui”.